

# FRANCISCO IGLÉSIAS

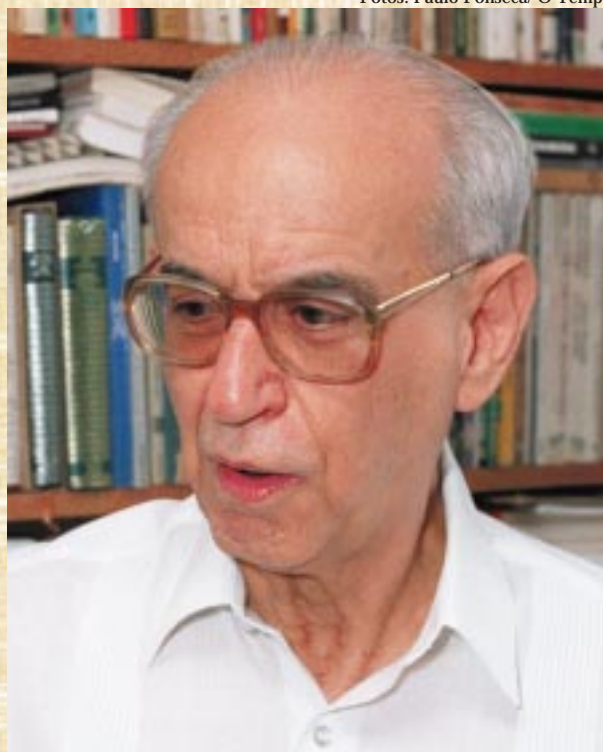
Régis Gonçalves

Fotos: Paulo Fonseca/ O Tempo

**A** morte do historiador Francisco Iglésias, dia 21 de fevereiro, aos 75 anos, em Belo Horizonte, abre no meio acadêmico e intelectual brasileiro uma lacuna difícil de ser preenchida. Ele morre deixando como legado uma sólida obra historiográfica e um vasto círculo de discípulos e admiradores. Iglésias era cardíaco, havia sofrido há 13 anos uma intervenção para colocação de pontes de safena e nos últimos meses seu estado de saúde se agravara irrecuperavelmente, devido a problemas renais.

Professor, pesquisador, ensaísta de rara elegância, Francisco Iglésias exerceu profunda influência sobre pelo menos três gerações universitárias de Minas Gerais, sua terra de nascimento e onde viveu quase toda a sua vida, exceção feita a um curto período em que residiu em São Paulo, nos anos 40. Nessa ocasião, estabeleceu contatos, que iriam se tornar duradouros, com grande parte da intelectualidade paulista da época.

À importância de seu trabalho como historiador somava-se também em Iglésias o reconhecimento granjeado em amplos círculos pela variada gama de interesses culturais que nutria, conforme ressaltou em seu enterro o escritor Silviano Santiago, para quem "ele era o tipo intelectual que hoje convencionalmente é classificado como interdisciplinar". A influência de Francisco Iglésias, portanto, se exerceu tanto diretamente, através dos alunos que passaram pelo seu curso de História Econômica na Universidade Federal de Minas Gerais, quanto por sua obra historiográfica ou pelo extenso intercâmbio que manteve, durante muitas décadas, com intelectuais da área acadêmica ou de fora dela, no Brasil e no exterior. Ele pode ser considerado, assim, um intelectual-ponte entre ge-



rações e entre os inúmeros saberes que praticou ou que incorporou à sua formação científica e humanística.

A propósito de sua personalidade ímpar, o cientista político Fábio Wanderlei Reis, seu ex-aluno, parafraseando Hannah Arendt, escreveu a respeito de Iglésias que ele "foi claramente o autor de si mesmo: o autor dessa figura singular em que o rigor profissional era apenas uma faceta da atitude geral de autocontrole e empenho de equilíbrio e lucidez".

Francisco Iglésias nasceu em 28 de abril de 1923, na cidade de Pirapora, porto fluvial às margens do rio São Francisco. Segundo dos seis filhos do casal de imigrantes espanhóis José e Maria Josefa Hernandez Iglésias, ele se considerava um "barranqueiro", embora a circunstância de seu nascimento naquela cidade se devesse à designação temporária de seu pai, mecânico da Central do Brasil, para trabalhar na construção de uma ponte.

Transferindo-se a família para Belo Horizonte, Iglésias realizou seus estudos secundários no antigo Colégio Mineiro, ingressando, em 1941, na Faculdade de Filosofia e Letras da então Universidade de Minas Gerais, onde colou grau na primeira turma de formandos do curso de Geografia e História. Durante seu tempo de estudante, o futuro historiador conheceu e conviveu com colegas que viriam, mais tarde, a se destacar também na vida intelectual brasileira, entre eles o teatrólogo Sábato Magaldi, o romancista Waldomiro Autran Dourado e o crítico de cinema Jacques do Prado Brandão.

Com seus companheiros de geração fundou e foi redator da revista literária *Edifício*, de curta duração, mas que assinalou algumas vocações literárias, inclusive a sua, pois Iglésias sempre exerceu com mestria uma

escrita ensaística claramente inspirada em clássicos do gênero, como Montaigne e o português Antonio Sérgio, escritores de sua predileção. Em depoimento sobre o historiador, o cientista político Simon Schwartzman, outro de seus ex-alunos, registra essa faceta do mestre. "Acho que Iglésias acabou deixando coisas preciosas para as gerações que passaram pelas suas aulas e puderam desfrutar de seu convívio. Primeiro, o valor da literatura. A geração de Iglésias se formou à luz da revolução modernista que, Mário de Andrade à frente, criou uma nova maneira de olhar e expressar a realidade. Depois, o valor da história, que, nas suas melhores vertentes, está muito próxima da literatura, já que preserva o uso cuidadoso e inteligente da língua como instrumento fundamental".

Em 1945, Francisco Iglésias integrou a delegação mineira ao I Congresso Brasileiro de Escritores, ocorrido em São Paulo. Foi nessa ocasião que conheceu Antonio Candido, de quem iria se tornar amigo, e algumas figuras exponenciais das letras brasileiras, entre as quais Monteiro Lobato, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira. Já conhecido de Mário de Andrade, de uma de suas visitas a Belo Horizonte, o jovem mineiro foi convidado por este para um almoço e, entusiasmado

com a recepção e o ambiente intelectual da cidade, resolveu transferir-se para São Paulo.

Durante sua curta temporada paulistana, Francisco Iglésias trabalhou como gerente da Livraria Jaraguá, de Alfredo Mesquita, ponto de encontro da elite letrada da época, e como colaborador no jornal *O Estado de S. Paulo*. Mas, saudosamente da família, logo retornou a Belo Horizonte.

Em 1949, Francisco Iglésias ingressou na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, hoje UFMG, onde lecionou a disciplina História Econômica Geral e do Brasil, até sua aposentadoria, em 1982. Foram seus colegas naquela Faculdade, em disciplinas paralelas, o poeta Emílio Moura e o crítico e ensaísta Fábio Lucas. Em 1955, habilitou-se à livre docência com tese sobre a "Política Econômica do Governo Provincial Mineiro".

Seus trabalhos de pesquisa historiográfica se concentraram especialmente nos capítulos da história econômica e história social dos séculos 19 e 20. Admirador e amigo do historiador Sérgio Buarque de Hollanda, Francisco Iglésias compartilha com este o mérito de ter contribuído pioneiramente para a introdução do estudo da história das mentalidades no país. A admiração era recíproca, tanto que em 1969, alguns meses antes de se



aposentar, Buarque insistiu com Iglésias para substituí-lo como titular da cadeira de História do Brasil na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Intermediário do convite, Sábato Magaldi diz que passou dez meses tentando convencer o amigo a voltar para São Paulo "mas ele não aceitou". Seu contato com os colegas da USP, no entanto, foi constante e duradouro ao longo do tempo, tendo ali participado de inúmeras bancas examinadoras, seminários e palestras. Foi nos corredores da USP que Iglésias travou conhecimento, nos anos 50/60, com alguns professores que viriam a se tornar amigos ou admiradores seus, entre eles Fernando Novaes, Octávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso.

Outros, alunos naquela ocasião, tiveram de Iglésias o incentivo para seguir a carreira de historiador, como é o caso de Carlos Guilherme Mota. Segundo José Murilo de Carvalho, Iglésias "por muito tempo, tal-

vez tenha sido o único estranho a quem se tenha dado acesso livre à fortaleza do Departamento de História da USP".

Uma das qualidades realçadas por quantos conheceram Francisco Iglésias foi sua coerente ojeriza a tirar partido de suas relações pessoais, principalmente em receber favores políticos. Durante toda a sua vida sempre se recusou a aceitar quaisquer cargos públicos. Sua opção humanista o manteve ainda mais distante dos círculos políticos durante os anos da ditadura militar, a que Iglésias sempre recusou legitimar. Intelectualmente requintado e reconhecidamente discreto de hábitos, Francisco Iglésias manteve no entanto estreita ligação com a cultura popular, através de sua paixão pelo futebol (era torcedor fanático do Atlético Mineiro), pelo cinema e pelas marchinhas carnavalescas. Os

amigos que privaram de seu círculo mais íntimo são unânimes em reconhecer nele o humor sutil e às vezes sardônico. A alguém que teimava em conduzi-lo para uma discussão sobre uma partida de futebol, Iglésias teria respondido, no depoimento de José Murilo de Carvalho: "Futebol eu discuto com muito poucas pessoas e o senhor não é uma delas". Mas essa ironia muitas vezes podia atingir também o meio acadêmico, cujas manifestações de mediocridade Iglésias nunca poupou. Como é o caso da obscuridade e hermetismo de certos autores a quem Iglésias dirigiu certa vez o seguinte comentário: "eles praticam um texto tão abstruso que, se algum dia alguém conseguir decifrá-los, é de se esperar uma revolução nas ciências sociais do Brasil".